

A MORTE, OS RITUAIS FUNERÁRIOS E AS CONCEPÇÕES DE MUNDO EM DIFERENTES RELIGIÕES

DEATH, FUNERAL RITUALS AND CONCEPTIONS OF THE WORLD IN DIFFERENT RELIGIONS

MUERTE, RITUALES FUNERARIOS Y CONCEPCIONES DEL MUNDO EN LAS DISTINTAS RELIGIONES

Antonio Renaldo Gomes Pereira¹
Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra²

RESUMO: Desde os primórdios da história da humanidade, as diferentes visões sobre a morte têm desempenhado um papel crucial na organização das sociedades e na formação das identidades, tanto a nível individual quanto coletivo. Ao analisarmos a importância da morte como um fenômeno antropológico e religioso, somos levados a compreender a complexidade da condição humana, sendo desafiados a refletir sobre a vida e a busca por significado em um mundo marcado pela finitude e pelo desconhecido. Este artigo se propõe a investigar as visões e rituais associados à morte e sua relação com o sagrado em cinco tradições religiosas distintas, são elas: cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo e religiões afro-brasileiras. A fim de responder aos objetivos propostos, utilizamos uma metodologia de natureza bibliográfica, envolvendo a revisão e análise de obras e estudos acadêmicos que abordam as concepções de morte e sua relação com o divino nas religiões citadas. Conclui-se que a investigação da morte e sua relação com o divino revela as diferenças entre as tradições religiosas e suas semelhanças fundamentais, como a busca por transcendência e o desejo de conexão com algo maior. Nesta perspectiva, a morte, longe de ser apenas um fim, se mostra um elo vital na contínua busca humana por sentido e espiritualidade.

6085

Palavras-chave: Morte. Ritos fúnebres. Sagrado. Religião.

ABSTRACT: Since the beginning of human history, different views on death have played a crucial role in the organization of societies and the formation of identities, both at an individual and collective level. When we analyze the importance of death as an anthropological and religious phenomenon, we are led to understand the complexity of the human condition, being challenged to reflect on life and the search for meaning in a world marked by finitude and the unknown. This article aims to investigate the visions and rituals associated with death and their relationship with the sacred in five distinct religious traditions, namely: Christianity, Islam, Judaism, Hinduism and Afro-Brazilian religions. In order to respond to the proposed objectives, we used a methodology of a bibliographic nature, involving the review and analysis of academic works and studies that address the conceptions of death and its relationship with the divine in the aforementioned religions. It is concluded that the investigation of death and its relationship with the divine reveals the differences between religious traditions and their fundamental similarities, such as the search for transcendence and the desire for connection with something greater. From this perspective, death, far from being just an end, appears to be a vital link in the continuous human search for meaning and spirituality.

Keywords: Death. Funeral rites. Sacred. Religion.

¹ Doutorando em Antropologia (PPGA/UFPB). Mestre em Antropologia. Especialista em Tanatologia. Especialista em Arqueologia e Patrimônio. Especialista em Ensino Religioso. Licenciado em História. Licenciado em Ciências da Religião. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4832-8825> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7628264779459752>.

² Doutorando em Ciencias de la Educación (UNADES). Mestre em Filosofia (UFPB). Especialista em Filosofia. Licenciado em Letras/Libras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7834-4362> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6766151559685543>.

RESUMEN: Desde los inicios de la historia de la humanidad, las diferentes visiones sobre la muerte han jugado un papel crucial en la organización de las sociedades y la formación de identidades, tanto a nivel individual como colectivo. Cuando analizamos la importancia de la muerte como fenómeno antropológico y religioso, somos llevados a comprender la complejidad de la condición humana, siendo desafiados a reflexionar sobre la vida y la búsqueda de sentido en un mundo marcado por la finitud y lo desconocido. Este artículo tiene como objetivo investigar las visiones y rituales asociados con la muerte y su relación con lo sagrado en cinco tradiciones religiosas distintas, a saber: cristianismo, islam, judaísmo, hinduismo y religiones afrobrasileñas. Para dar respuesta a los objetivos propuestos, utilizamos una metodología de carácter bibliográfico, involucrando la revisión y análisis de trabajos y estudios académicos que abordan las concepciones de la muerte y su relación con lo divino en las religiones mencionadas. Se concluye que la investigación de la muerte y su relación con lo divino revela las diferencias entre las tradiciones religiosas y sus similitudes fundamentales, como la búsqueda de la trascendencia y el deseo de conexión con algo más grande. Desde esta perspectiva, la muerte, lejos de ser sólo un fin, aparece como un eslabón vital en la continua búsqueda humana de sentido y espiritualidad.

Palabras clave: Muerte. Ritos funerarios. Sagrado. Religión.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios das civilizações, as concepções sobre a morte têm desempenhado um papel fundamental na estruturação das sociedades e na formação das identidades, seja individual ou coletiva. Nesta perspectiva, explorar a importância da morte como fenômeno antropológico e religioso nos permite compreender a complexidade da condição humana (Bielo, 2023), nos convidando a refletir sobre a existência e a busca por significado em um mundo permeado pela finitude e pelo mistério. A morte tem sido mais do que um mero evento biológico; é um fenômeno profundamente enraizado na experiência humana, moldando nossas visões de existência, nossas interações sociais e sistemas de crenças (Stein; Stein, 2023). Como fenômeno antropológico, a morte transcende fronteiras culturais e temporais, unindo a humanidade em uma jornada comum de finitude e transcendência (Thomas, 1983). No contexto religioso, a morte assume um significado ainda mais profundo, servindo como um portal para o desconhecido, um ponto de conexão com o Além.

Este artigo delimita-se a explorar as concepções e práticas relacionadas à morte e sua conexão com o divino em cinco tradições religiosas específicas: cristianismo, islamismo, judaísmo, hinduísmo e religiões afro-brasileiras. O estudo, focado nessas religiões, busca revelar as diversas maneiras como cada tradição interpreta a morte, os rituais associados a ela e a crença na vida após a morte. Pretendemos examinar, considerando os estudos de Ariès (2014; 2017), Eliade (2010; 2011), Espírito Santo (1990), Kübler-Ross (2008), Pereira (2020; 2023) e Thomas (1983), como essas visões influenciam os comportamentos sociais e a busca por transcendência espiritual. A escolha dessas religiões permite uma análise comparativa que destaca tanto as particularidades quanto os pontos comuns entre diferentes culturas e sistemas de crença, oferecendo uma visão abrangente das relações entre a morte e o sagrado.

A justificativa deste artigo reside na necessidade premente de compreendermos as diversas concepções da morte em diferentes contextos religiosos, considerando sua centralidade em todas as grandes tradições religiosas do mundo, sendo interpretada e ritualizada de maneiras diversas, refletindo os valores, crenças e visões de mundo de cada cultura. Portanto, explorar essas interpretações pode oferecer lampejos sobre as perspectivas espirituais e metafísicas das sociedades, sobre como lidamos com a finitude e o desconhecido. Ao compreender como a morte é entendida nas diversas religiões, podemos apreciar a riqueza da diversidade humana e buscar pontos de convergência que promovam o diálogo inter-religioso e a compreensão mútua.

Em um segundo aspecto, a justificativa deste estudo também reside na sua relevância para questões contemporâneas, especialmente no contexto da globalização e da crescente diversidade religiosa. Em um mundo cada vez mais interconectado, é fundamental reconhecer e respeitar as diferentes visões de morte que coexistem dentro das sociedades pluralistas. Isso promove a tolerância religiosa, ajuda a mitigar conflitos e promove a coexistência pacífica entre grupos religiosos diversos (Teixeira, 1997). Neste sentido, compreender as diferentes abordagens da morte pode ajudar a lidar com questões éticas e práticas, como cuidados paliativos, assistência ao luto e políticas de saúde pública relacionadas ao fim da vida.

Ao examinar como a morte é entendida em diferentes tradições religiosas, este estudo contribui para o avanço do conhecimento acadêmico sobre a religião e a Antropologia da Morte, podendo fornecer uma base sólida para futuras pesquisas interdisciplinares que explorem temas relacionados, como rituais funerários, concepções de *post mortem* e o papel da morte na formação da identidade cultural e religiosa. Dessa forma, este estudo visa não apenas preencher uma lacuna na literatura acadêmica, mas também inspirar novas investigações que enriqueçam nossa compreensão da complexidade e da profundidade da experiência humana diante da morte.

A morte é frequentemente encarada como um tabu, sobretudo nas sociedades contemporâneas, um assunto evitado e muitas vezes temido (Ariès, 2017). No entanto, ao longo da história da humanidade, a morte tem sido não apenas um evento inevitável, mas também um ponto central de reflexão filosófica, espiritual e religiosa. Nesse contexto, surge a questão: quais são as relações entre a morte e o divino capazes de gerar ou transformar as concepções de *post mortem*, transcendência e imortalidade, bem como, as atitudes e práticas humanas em torno da morte?

Neste artigo, objetivamos investigar as diversas perspectivas religiosas sobre a morte e sua relação com o divino, analisando como as crenças sobre a vida após a morte e a natureza do

sagrado influenciam os rituais funerários (Van Gennep, 2011), os processos de luto e as concepções de significado e propósito da vida. Neste ínterim, é conveniente refletir sobre o papel da morte na construção da identidade pessoal e coletiva, bem como no desenvolvimento moral e ético das sociedades em razão deste fenômeno.

A fim de responder aos objetivos propostos, utilizamos uma metodologia de natureza bibliográfica (Gil, 2009; Guerra, 2023), envolvendo a revisão e análise de obras e estudos acadêmicos que abordam as concepções de morte e sua relação com o divino nas religiões. Esta abordagem permite uma compreensão mais abrangente e aprofundada da morte e sua relação com o divino na contemporaneidade e fundamentada das diversas perspectivas religiosas, psicológicas e sociológicas. Foram consultados livros clássicos e contemporâneos e artigos acadêmicos. A análise destas fontes possibilita identificar padrões, semelhanças e diferenças nas práticas rituais e nas crenças sobre a vida após a morte, proporcionando uma visão ampla e detalhada sobre como diferentes culturas e tradições espirituais entendem e enfrentam a finitude humana.

A estrutura deste artigo está organizada em três seções, cada uma abordando aspectos cruciais da relação entre a morte e o divino nas tradições religiosas selecionadas. Na primeira seção, *A morte e o divino em contexto religioso*, são exploradas as concepções teológicas, psicológicas, históricas, sociológicas e antropológicas da morte nas religiões abraâmicas, hinduísmo e religiões afro-brasileiras, destacando as crenças sobre a vida após a morte e o papel do sagrado. A segunda seção, *Práticas rituais e cosmologias*, examina os rituais funerários e as cosmologias associadas a essas religiões, mostrando como os rituais refletem e reforçam as visões de mundo de cada tradição. Na terceira seção, *O comportamento humano diante da morte*, analisa-se como as diferentes práticas e crenças influenciam as atitudes e comportamentos humanos em relação ao luto, à memória dos mortos e à busca por significado diante da finitude. E, por fim, as considerações finais.

6088

I A MORTE EM CONTEXTO RELIGIOSO

Um importante estudo sobre a relação entre morte e espiritualidade é relatado em *Sobre a morte e o morrer*, de Elisabeth Kübler-Ross (2008), nesta obra, autora explora as experiências de pacientes terminais e suas percepções sobre a morte, destacando a importância do aspecto espiritual no processo de enfrentamento do fim da vida. Outro trabalho relevante sobre as transformações na concepção de morte é *História da morte no Ocidente*, de Philippe Ariès (2017),

que oferece uma visão histórica sobre a evolução das atitudes em relação à morte na cultura ocidental, desde a Idade Média até os tempos contemporâneos, destacando mudanças significativas nos rituais e nas percepções ao longo do tempo.

No contexto das religiões abraâmicas, *O diálogo inter-religioso como afirmação da vida*, de Faustino Teixeira (1997), examina as concepções de vida após a morte no cristianismo, islamismo e judaísmo, destacando as diferenças e semelhanças entre essas tradições. Além disso, *Uma cidade, três religiões*, de Karen Armstrong (2011), oferece uma análise das atitudes em relação à morte e ao além-vida nessas três religiões monoteístas, destacando as influências mútuas e os pontos de conflito ao longo da história. *A Demitologização e a Teologia do Novo Testamento*, estudos de Rudolf Bultmann (1999; 2004), abordam a compreensão cristã da morte e da ressurreição, destacando sua importância central na teologia cristã e na experiência espiritual dos fiéis.

Nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, a morte é entendida como parte de um ciclo natural da vida, onde a passagem do mundo terreno para o espiritual é vista como uma transição importante e significativa (Prandi, 2001). A morte não é vista como um fim absoluto, mas sim como uma etapa que marca o início de uma nova jornada espiritual. Nessas tradições, acredita-se que a alma continua sua existência após deixar o corpo físico, transitando para um plano espiritual onde é possível continuar aprendendo e evoluindo (Stein; Stein, 2023). Os rituais funerários nessas religiões são elaborados e cheios de simbolismo, visando não apenas honrar o falecido, mas também facilitar sua transição para o mundo espiritual e garantir sua proteção e bem-estar após a morte.

No livro *A religião popular portuguesa*, de Moisés Espírito Santo (1990), a morte é compreendida dentro de um contexto cultural e religioso específico, que reflete as crenças e práticas do povo português, na década de 1970, no qual podemos verificar diversas semelhanças com os modos de relacionar-se com o sagrado, vivenciados pelas populações rurais brasileiras na atualidade. A morte é vista como um momento crucial na jornada espiritual do indivíduo, onde a passagem para o Além é marcada por rituais e tradições profundamente enraizadas na cultura popular. Espírito Santo (1990) explora como essas tradições compartilham elementos comuns que revelam a relação complexa entre os vivos e os mortos.

No estudo de Espírito Santo (1990), as representações simbólicas da morte ajudam a dar sentido ao desconhecido e a enfrentar o inevitável, oferecendo conforto e proteção espiritual. O autor aborda as influências de outras tradições religiosas, como o cristianismo e o judaísmo, na

compreensão da morte pelos portugueses. Ele destaca como essas influências se entrelaçam e se transformam, moldando as práticas religiosas e as concepções sobre a vida após a morte.

Além disso, obras como *O homem diante da morte* e *A história da morte no Ocidente*, de Philippe Ariès (2014; 2017), e *O nascimento do purgatório*, de Jacques Le Goff (1990), oferecem perspectivas históricas sobre a evolução das atitudes em relação à morte na sociedade ocidental, destacando a influência de fatores culturais, sociais e jurídicos na construção de significados em torno deste tema. Esses estudos fornecem um panorama abrangente das principais obras e debates acadêmicos relacionados à morte e sua relação com as cosmologias, oferecendo um ponto de partida sólido para a investigação adicional neste campo.

Nas religiões abraâmicas - cristianismo, islamismo e judaísmo -, concebidas a partir da crença em um deus único, a morte é profundamente interligada ao conceito do divino, sendo vista como uma transição para uma nova forma de existência em relação a Deus. Nessas tradições, a relação entre a morte e o divino é central, moldando rituais, práticas de luto e concepções de *post mortem*, bem como, das possibilidades em razão dele.

Os adeptos do cristianismo veem a morte como uma transição para a vida eterna, uma passagem necessária para alcançar a comunhão com Deus. A doutrina da ressurreição de Jesus Cristo simboliza a vitória sobre a morte e a promessa de vida eterna para os crentes. A morte física, entendida como um momento de passagem (Pereira, 2020), é um portal para a vida eterna, onde os justos serão recompensados no Céu e os ímpios serão julgados, conforme relatado pela Bíblia. Esta crença molda os rituais funerários e o luto, enfatizando a esperança e a celebração da vida eterna. Os sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Unção dos Enfermos, são importantes para preparar os fiéis para a morte, assegurando a graça divina. A intercessão dos santos e as orações pelos mortos também são práticas comuns, refletindo a crença na comunhão dos santos e na intercessão espiritual. Outras atividades e ritos elaborados sobre as bases religiosas canônicas coexistem com as práticas oficiais, sobretudo em comunidades rurais ou afastadas dos grandes centros urbanos, onde o catolicismo não-oficial e as práticas devocionais populares são reconhecidos pelos cristãos como atividades de fé (Espírito Santo, 1990; Pereira, 2020; Pereira; Pereira, 2023).

Os muçulmanos acreditam que após a morte, a alma entra em um estado intermediário chamado *Barzakh*, aguardando o Juízo Final. Nesta perspectiva, a morte é a passagem para o julgamento final, que determina o destino eterno da alma no Paraíso ou no Inferno, enfatizando a justiça e a misericórdia divinas (Minois, 2023). A preparação para a morte inclui práticas como

o arrependimento, a oração, e a realização de boas ações, enfatizando a misericórdia e a justiça de Deus. Os rituais funerários muçulmanos são, de certo modo, simples e solenes, focando na pureza e na dignidade do falecido. A comunidade desempenha um papel significativo, com orações coletivas (*Salat al-Janazah*) e o apoio à família enlutada.

No judaísmo, a morte é considerada uma parte natural da vida, com um enfoque na continuidade da alma e na vida após a morte (Pinheiro, 2018). As crenças variam entre diferentes correntes judaicas, mas geralmente incluem conceitos como *Gan Eden* (paraíso) e *Gehinnom* (purgatório). A ressurreição dos mortos (*tehiyat hameitim*) é um princípio fundamental, especialmente no judaísmo ortodoxo, afirmando que os justos serão ressuscitados para viver novamente. Os rituais de luto, como a *Shivá* (sete dias de luto intenso) e o *Kaddish* (oração pelos mortos), são essenciais, proporcionando conforto e estrutura para os enlutados. A ênfase está na memória e no legado do falecido, com práticas que honram e preservam sua contribuição à comunidade.

No hinduísmo, a morte é vista como uma transição entre vidas em um ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento (*Samsara*). A crença na reencarnação e no *karma* (ações e suas consequências) é central, determinando a natureza da próxima vida do indivíduo. O objetivo final é alcançar *Moksha*, a libertação do *Samsara*, unindo-se ao divino e transcendendo o sofrimento material. Os rituais funerários hindus incluem a cremação, que liberta a alma do corpo físico, e cerimônias como a *Shraddha*, que ajudam a alma a alcançar um bom renascimento. A meditação, a devoção e as boas ações são práticas importantes que influenciam o destino após a morte. Nesse contexto, a morte é um momento de transformação e esperança de avanço espiritual.

Nas religiões afro-brasileiras, a morte é entendida como uma continuação da jornada espiritual, onde a alma passa para o mundo dos ancestrais e dos espíritos. Na Umbanda, acredita-se que os mortos se tornam guias espirituais que protegem e orientam os vivos. Os rituais funerários são profundamente simbólicos, envolvendo cânticos, danças e oferendas para garantir uma boa passagem e o bem-estar da alma no Além. A ancestralidade é um conceito central, com a memória e o culto aos ancestrais desempenhando um papel vital nas práticas religiosas e na vida cotidiana. A morte, portanto, é vista como uma integração contínua com o divino e os espíritos, mantendo a conexão entre o mundo material e espiritual.

As práticas rituais e cosmologias religiosas variam amplamente, refletindo suas distintas visões sobre a morte. No cristianismo, rituais como a Eucaristia e a Unção dos Enfermos

preparam os fiéis para a vida eterna prometida através da ressurreição de Cristo, enquanto o islamismo enfatiza a pureza e a oração, com rituais funerários, aparentemente, simples que refletem a espera pelo Dia do Julgamento e a misericórdia de Allah. No judaísmo, rituais de luto como a *Shivá* e o *Kaddish* ajudam a comunidade a honrar e lembrar os mortos, sustentando a crença na ressurreição e no legado espiritual. O hinduísmo, com sua crença na reencarnação e no *karma*, realiza a cremação e cerimônias como a *Shraddha* para facilitar a transição da alma e influenciar positivamente o próximo renascimento. Nas religiões afro-brasileiras, os rituais funerários são vibrantes, refletindo uma cosmologia onde a morte é uma integração contínua com os ancestrais, conectando os vivos aos ancestrais e aos espíritos. Essas práticas rituais são essenciais para fortalecer as relações espirituais e garantir a harmonia entre o mundo material e o mundo espiritual.

2 PRÁTICAS RITUAIS E COSMOLOGIAS

As religiões como parte da cultura e, conseqüentemente, da identidade de um povo, influenciam tanto as práticas rituais, como a cosmologia e a ética de cada tradição. No caso das religiões abraâmicas, do hinduísmo e das religiões afro-brasileiras, a relação entre essas crenças pode ser complexa e variada, mas cada uma delas possui características distintas que moldam suas práticas.

6092

O Cristianismo baseia suas crenças na figura de Jesus Cristo e na Bíblia, incluindo entre suas práticas rituais, a Eucaristia e o batismo, orientando-se em uma cosmologia centrada na crença em um Deus único e na salvação através da fé em Jesus Cristo que baseia sua ética nos ensinamentos de amor ao próximo e na prática da caridade. O cristianismo, considerando as relações entre a morte e o Divino, é uma mistura de esperança, redenção e fé na vida após a morte, posto que a morte é entendida como um momento de transição para a eternidade, onde os crentes serão reunidos com Deus e desfrutarão da sua presença para sempre.

A relação entre a morte e o divino é um tema central na doutrina e prática da fé cristã, apresentando-se como um dos pilares fundamentais da crença. Para os cristãos, a morte é o início de uma nova vida na presença de Deus; uma passagem para a eternidade, onde os crentes serão recompensados com a vida eterna ao lado do Criador. A crença na vida após a morte tem entre suas bases, a ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus e o Salvador da humanidade.

A morte de Jesus na cruz é vista como um ato redentor, no qual Ele sacrificou sua vida para salvar a humanidade do pecado e da morte eterna. A ressurreição de Jesus é a prova da

vitória sobre a morte e do poder divino de conceder vida eterna aos crentes. Neste sentido, a relação entre a morte e o divino se manifesta na esperança da ressurreição dos mortos. Os devotos dessa religião acreditam que, no fim dos tempos, os mortos serão julgados por Deus e os justos serão recompensados com a vida eterna.

Morte e ressurreição representam uma expansão completa da consciência, permitindo que, apenas na morte, a pessoa compreenda claramente o significado e as consequências de sua vida em níveis pessoal, social, histórico e cósmico. No momento da morte, a pessoa, juntamente com Deus, avalia sua jornada, percebendo se seguiu ou não as diretrizes divinas no processo denominado Juízo Final, no qual, após veredito, o indivíduo segue para o Inferno ou Céu, podendo ser encaminhado ao Purgatório com o intuito de purgar seus pecados e lograr morada no Céu, onde desfrutará de plena comunhão com Deus, vivendo em felicidade eterna e em harmonia com seus semelhantes.

O Islamismo, por sua vez, é uma religião abraâmica que se baseia nos ensinamentos do profeta Maomé e no Alcorão, seu livro sagrado. Suas práticas rituais incluem, por exemplo, a oração cinco vezes ao dia, o jejum durante o Ramadã e a peregrinação a Meca, uma cidade sagrada. A cosmologia islâmica é centrada na crença em um único Deus e na submissão à sua vontade, com uma ética que se baseia nos cinco pilares da fé e na prática da caridade e da justiça (Eliade, 2011). Os muçulmanos acreditam que a morte é um lembrete da transitoriedade da vida terrena e da importância de se preparar para a vida eterna ao lado de Allah.

6093

Para os muçulmanos, a morte não é o fim, mas o início de uma vida eterna. Nesta perspectiva, a crença na vida após a morte é um pilar que contribui para moldar suas práticas e atitudes. Os muçulmanos acreditam no *akhirah*, a vida após a morte, e que serão julgados por suas ações no Dia do Juízo. A busca pela redenção e pela piedade é incentivada, através de atos como oração, caridade, jejum e peregrinação. A aceitação da vontade de Deus e a realização de rituais específicos para o sepultamento são aspectos importantes da visão islâmica sobre a morte. A humildade é valorizada, refletida na simplicidade dos túmulos.

Para os muçulmanos, após a morte, as almas dos crentes são levadas para o Paraíso, onde desfrutam de felicidade eterna ao lado de Allah, o Deus único e supremo. Já as almas dos incrédulos são enviadas para o Inferno, onde sofrem tormentos eternos (Minois, 2023). Nesse sentido, a morte é vista como um lembrete da transitoriedade da vida terrena e da importância de se preparar para a vida após a morte. Os muçulmanos são encorajados a viver de acordo com

os ensinamentos do Alcorão, seguindo os preceitos do profeta Maomé, a fim de garantir uma boa posição no Além.

O judaísmo tem suas práticas baseadas na Torá e nos ensinamentos dos profetas; suas práticas rituais incluem a observância do sábado, a circuncisão e a celebração das festas judaicas (Pinheiro, 2018). Entre suas crenças, o monoteísmo e a promessa de um Messias são fundamentais. Para os judeus, a morte é compreendida como parte integrante da experiência humana, uma oportunidade de se aproximar do divino.

As relações entre os indivíduos e a morte constituem um tema complexo e profundamente enraizado na tradição religiosa judaica. Nesta perspectiva, a morte é entendida como parte do ciclo natural da vida, um momento de transição, uma oportunidade de se reconectar com o divino. Os judeus acreditam que a alma é imortal e que após a morte, ela retorna ao Criador. Desta forma, ela é uma passagem para uma existência espiritual mais elevada, onde a alma pode se reunir com Deus e encontrar paz e redenção. A morte pode ser entendida como uma oportunidade de se arrepender dos pecados, reconciliar-se com aqueles que magoaram e buscar perdão de Deus.

A morte é um lembrete da fragilidade da vida e da importância de viver de acordo com os ensinamentos divinos. Os judeus são encorajados a viver uma vida justa e piedosa, a fim de garantir um lugar no mundo vindouro e se reconectar com o divino (Pinheiro, 2018). Nessa religião, a *Chevra Kadisha*, uma sociedade formada por voluntários, responsáveis pela preparação do corpo do falecido para o enterro, é responsável pela lavagem do corpo, que costuma ser sepultado em até 24 horas após o desenlace. O ritual inclui o uso de uma mortalha simples e um caixão sem enfeites, seguido da recitação da oração *Kaddish*, em aramaico, pelos parentes mais próximos e líderes religiosos. O sepultamento ocorre em um jazigo simples, com uma lápide contendo o nome e símbolos religiosos.

O hinduísmo é uma das religiões mais antigas do mundo e se baseia em um conjunto de textos denominados Vedas e nos ensinamentos dos *rishis*. A meditação, a realização de oferendas e a prática do yoga estão entre suas práticas rituais e sua cosmologia tem entre suas bases, a crença na reencarnação e no *karma*. Nesse contexto, sua ética se baseia nos princípios de não violência, verdade e não roubo.

De acordo com os ensinamentos hindus, a morte não é vista como o fim da existência, mas sim como uma transição para uma nova forma de vida. A alma, ou *Atman*, é imortal, desta forma, apenas o corpo físico morre. O conceito de divino no hinduísmo também desempenha

um papel crucial na compreensão da morte (Eliade, 2010). Brahman é a divindade suprema dos hindus, ele é a fonte de toda a criação e a essência de tudo o que existe; é onipresente, onisciente e onipotente, e é visto como a força que sustenta o universo.

Nesse contexto, a morte é vista como parte do ciclo de nascimento, morte e renascimento. Nessa perspectiva, acredita-se que as almas passem por uma série de vidas, ou reencarnações, até alcançarem a liberação final, ou *Moksha*, e se unirem com Brahman. Assim, a morte é uma oportunidade para a alma progredir em direção à sua realização espiritual.

No hinduísmo a importância do karma na determinação do destino de uma alma é enfatizada. Conforme a lei do *karma*, as ações de uma pessoa durante a vida determinam seu destino na próxima vida. Aqueles que praticam boas ações e vivem de acordo com os princípios éticos do *dharma* são recompensados com uma vida melhor na próxima encarnação, enquanto aqueles que agem de forma egoísta e prejudicial enfrentam consequências negativas.

Na tradição hindu, a morte é considerada uma etapa natural e contínua do *Samsara*. O objetivo final é transcender esse ciclo e alcançar o *Moksha*, um estado de iluminação e liberdade do sofrimento. Desta forma, a morte é vista como uma parte natural do ciclo de vida e morte, e a crença na imortalidade da alma e na busca pela união com o divino são aspectos centrais da compreensão hindu da morte.

6095

Entre as práticas rituais das religiões afro-brasileiras incluem-se o culto aos orixás, voduns, inquices e encantados, a realização de oferendas e rituais de cura. A cosmologia das religiões afro-brasileiras é baseada na crença em divindades que governam diferentes aspectos da vida; sua ética é baseada, principalmente, na reciprocidade e no respeito à natureza (Prandi, 2001).

Neste contexto, a morte é parte integrante da ordem cósmica, regida por forças espirituais e divinas, e os ancestrais têm um papel central na vida cotidiana das comunidades religiosas afro-brasileiras. Eles são reverenciados e cultuados como guias espirituais e guardiões, e a comunicação com os espíritos dos ancestrais é vista como uma fonte importante de orientação e proteção. Além disso, a morte é compreendida como um momento de reencontro com os entes queridos que partiram antes, fortalecendo os laços familiares e comunitários. A morte é um evento individual, parte de uma teia de relações espirituais que conecta os vivos aos mortos e ao divino.

As religiões afro-brasileiras têm uma visão única e complexa sobre a morte, que difere das perspectivas de outras religiões. Para os praticantes do candomblé, umbanda e outras

tradições afro-brasileiras, a morte é vista como uma transição para outro plano espiritual. Nessa cosmologia, a morte é vista como parte natural do ciclo da vida, onde o espírito da pessoa falecida continua a existir em um plano espiritual. Acredita-se que os ancestrais e entidades espirituais continuam a influenciar e guiar os vivos, mesmo após a morte física.

Nos rituais de passagem, como o Axexê no candomblé, os praticantes buscam honrar e celebrar a vida da pessoa falecida, ao mesmo tempo em que preparam o seu espírito para a jornada além da vida terrena. Para os praticantes das religiões afro-brasileiras, a morte não é um tabu a ser evitado ou temido, ela é um aspecto natural da existência humana. Os adeptos buscam manter uma conexão com seus antepassados e entidades espirituais através das práticas rituais, honrando a memória daqueles que partiram e buscando orientação e proteção para suas próprias vidas.

Cada tradição religiosa possui suas próprias crenças e valores que moldam a forma como seus seguidores vivenciam sua fé e se relacionam com o mundo ao seu redor. É importante compreender essas diferenças e respeitar a diversidade de crenças e práticas religiosas existentes para uma convivência de paz e harmonia.

3 O COMPORTAMENTO HUMANO DIANTE DA MORTE

O comportamento humano diante da morte é um reflexo das crenças espirituais e culturais de cada sociedade, moldando rituais, práticas de luto e atitudes em relação ao fim da vida (Pereira, 2020; 2023). Este comportamento é uma manifestação tangível da maneira como cada religião compreende a morte e a vida após a morte, influenciando tanto as ações individuais quanto as coletivas.

No contexto das religiões abraâmicas, considerando, inicialmente, o cristianismo, a morte é encarada com uma mistura de esperança e solenidade, centrada na crença na ressurreição e na vida eterna. Os rituais funerários cristãos, como missas de réquiem e serviços de enterro, são projetados para confortar os enlutados com a promessa de que o falecido está em paz com Deus (Eliade, 2010; 2011). Os cristãos são encorajados a lidar com a morte através da fé, mantendo uma perspectiva de que a morte é um passo necessário para alcançar a vida eterna com Cristo. A morte é enfrentada com uma combinação de esperança e solenidade, enraizada na crença na ressurreição de Jesus Cristo e na promessa de vida eterna. A prática de rezar pelos mortos e a crença na intercessão dos santos reforçam a conexão contínua entre os vivos e os falecidos, proporcionando consolo e um sentido de continuidade.

No islamismo, a preparação para a morte e o comportamento diante dela são marcados por rituais específicos que enfatizam a pureza e a submissão à vontade de Allah. O *Salat al-Janazah* e o sepultamento rápido são fundamentais, refletindo a crença na importância de honrar o corpo e a alma do falecido de acordo com os preceitos divinos. A preparação para a morte e a resposta a ela são caracterizadas por um forte senso de dever religioso e submissão à vontade de Allah. Para os muçulmanos, a morte é uma transição para um lugar onde a alma será julgada e recompensada ou punida. Essa crença influencia os muçulmanos a viverem de acordo com os preceitos do Islã, praticando boas ações e buscando o perdão divino. Nesse contexto, o luto é uma expressão de aceitação da vontade de Allah, e a comunidade desempenha um papel vital ao apoiar os enlutados.

Para os judeus, o comportamento diante da morte é moldado por uma série de rituais de luto que ajudam a comunidade a processar a perda e a honrar a memória do falecido. A *Shivá*, um período de sete dias de luto intenso, permite que os enlutados expressem sua dor e recebam apoio. O *Kaddish*, uma oração recitada pelos enlutados, destaca a continuidade da vida e a fé em Deus mesmo diante da morte. A crença na ressurreição dos mortos e na vinda do Messias oferece esperança e uma perspectiva de renovação. No judaísmo, os rituais de luto, como a leitura do *Kaddish* e as práticas de *Yahrzeit* (aniversário de morte), reforçam os laços comunitários e a memória coletiva.

6097

No hinduísmo, a morte é vista como uma transição natural no ciclo de *Samsara*, influenciando uma atitude de aceitação e preparação espiritual. Os hindus acreditam que a alma é eterna e continua sua jornada através de várias vidas até alcançar a *Moksha*. O ritual de cremação simboliza a liberação da alma do corpo físico, e as cerimônias de *Shraddha* e a *Tarpana* são realizadas para garantir um bom renascimento e honrar os ancestrais. A prática da meditação e o cumprimento do *Dharma* durante a vida são fundamentais para preparar a alma para a jornada após a morte, refletindo uma perspectiva de continuidade e transformação espiritual.

Nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, o comportamento diante da morte é profundamente enraizado no respeito e na conexão com os ancestrais (espíritos e encantados). A morte é uma integração com o mundo espiritual, onde os ancestrais continuam a influenciar e proteger os vivos. Nesse contexto, os rituais funerários são vibrantes e envolvem cânticos, danças e oferendas, garantindo uma transição pacífica e honrosa para o falecido. A ancestralidade e a comunhão com os espíritos guiam o comportamento dos praticantes, promovendo um senso de continuidade e presença espiritual constante. O culto aos ancestrais e

a comunicação contínua com o mundo espiritual promovem um senso de continuidade e presença espiritual constante, moldando o comportamento dos praticantes em relação à vida e à morte.

Em todas essas tradições, o comportamento humano diante da morte revela um desejo profundo de encontrar significado, consolo e esperança. As práticas rituais e as crenças espirituais ajudam a lidar com a perda e reforçam os valores e a identidade de cada comunidade, oferecendo um caminho para a reconciliação com a finitude e a busca por uma conexão contínua com o divino. A diversidade das respostas à morte reflete a riqueza das experiências humanas e a capacidade das religiões de proporcionar conforto e sentido diante da inevitabilidade da morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, destacamos a interconexão entre a morte e o divino nas diversas tradições religiosas analisadas, evidenciando a riqueza e a complexidade das respostas humanas à finitude e ao mistério da existência. Nas religiões estudadas, a morte não é vista como um fim absoluto, mas como uma transição significativa que envolve a continuidade da alma e a esperança de uma vida além do mundo físico. Cada tradição oferece um conjunto único de rituais e crenças que refletem suas visões de mundo e suas relações com o sagrado, mostrando como diferentes culturas buscam encontrar significado e consolo diante da morte.

6098

Essas práticas rituais e cosmologias são fundamentais para a compreensão da identidade individual e coletiva, promovendo a coesão social e espiritual. A diversidade das concepções de morte e *post mortem* ilustram a pluralidade da experiência religiosa humana e a capacidade das religiões de fornecer respostas às questões existenciais mais profundas. Neste sentido, ao contribuir para o reconhecimento e respeito dessas diferenças, o presente artigo fomenta um diálogo inter-religioso de valorização da diversidade e promoção da paz e a compreensão mútua.

Portanto, a investigação da morte e sua relação com o divino revela as diferenças entre as tradições religiosas e suas semelhanças fundamentais, como a busca por transcendência e o desejo de conexão com algo maior. Nesta perspectiva, este estudo contribui para o entendimento das práticas religiosas e das concepções filosóficas sobre a morte, oferecendo uma base para futuras pesquisas interdisciplinares. Assim, a morte, longe de ser apenas um fim, se mostra um elo vital na contínua busca humana por sentido e espiritualidade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ARMSTRONG, Karen. **Uma cidade, três religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BIELO, James. **Antropologia da religião: fundamentos, conceito e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização: coletânea de ensaios**. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**, volume I: da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**, volume II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.

GUERRA, Avaeté de Luneta e Rodrigues. Metodologia da pesquisa científica e acadêmica. **Revista OWL (OWL Journal) - Revista Interdisciplinar de Ensino E Educação**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 149-159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em: 19 fev. 2024.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LE GOFF, Jacques; **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Edições 70, 1990.

MINOIS, Georges. **História do inferno**. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

PEREIRA, Valentina da Silva Dias; PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. O comportamento ritual diante da morte em comunidades tradicionais do sertão baiano. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 16, n. 5, p. 3032-3050, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.5-066. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/762>. Acesso em: 19 fev. 2024.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. **Sede eterna: as relações com os mortos no povoado de Almas**. 2020. 103 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia UFC/UNILAB, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes. Educação para a morte em um contexto pós-pandêmico. In: PEREIRA, Antonio Renaldo Gomes (Org.). **Nas tramas da educação: construindo saberes**. Itapiranga: Schreiben, 2023. p. 105-113.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **A morte e o morrer no judaísmo**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, p. 43-58, 2001.

STEIN, Rebecca; STEIN, Philip. **Antropologia da religião, magia e feitiçaria**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

TEIXEIRA, Faustino. **O diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropologia de la muerte**. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc**. Petrópolis: Vozes. 2011.